

O IMAGINÁRIO DA CHINA À LUZ DA LITERATURA DE ESPIRITUALIDADE EM PORTUGAL (SÉCULOS XVI-XVIII)

16-18世纪葡萄牙精神文学中的中国意象

Paula Almeida Mendes

CITCEM – Universidade do Porto

Pese embora o facto de ter sido o berço de destacadas civilizações pré-clássicas, como a do Vale do Indo e a do Rio Amarelo, a Ásia constituiu, durante a Idade Média, um vasto território praticamente desconhecido para os europeus. A visão europeia dessas regiões remotas e exóticas pautava-se por contornos vagos e, não raras vezes, fantasiosos, pois a quase ausência de relações e contactos diretos com essas culturas contribuía para a divulgação de uma descrição do mundo que se configurava como uma mistura de trechos da Sagrada Escritura, de relatos de viajantes e de um imaginário de fundo mítico (Loureiro, 1997, p. 11; Mattoso, 1998, pp. 12-25). Como é sabido, a circulação de informações de natureza vária sobre a China foi sendo feita, ao longo da Idade Média, na Europa, por via literária: disso é exemplo a obra *Il Milione* de Marco Polo, que conheceu uma muito significativa fortuna e que seria impressa em Lisboa, em 1502, sob a égide da rainha D. Leonor de Lencastre.

A partir do século XVI, o conhecimento da Ásia assumirá um lastro mais vasto, que só se tornará mais compreensível se, naturalmente, não perdermos de vista a centralidade da Expansão portuguesa, nomeadamente no que diz respeito à vertente das viagens marítimas, que permitiu que se operassem profundas alterações no domínio da representação cartográfica, do conhecimento da écumena e de sociedades e culturas que se diferenciavam, em múltiplos aspetos, dos padrões europeus. Com efeito, um muito significativo núcleo

de notícias e de saberes, imaginários ou reais, sobre a China, assim como de outros territórios asiáticos, começa a ser divulgado pela Europa, transmitidos sobretudo pelos portugueses, graças ao seu contacto, quase sempre de natureza comercial, com essas culturas e civilizações, mas também às sucessivas viagens de natureza exploratória e aos inquéritos realizados em vários portos asiáticos (Lestringant, 1991; Loureiro, 1997, p. 11). As notícias sobre a China vão tomando contornos cada vez mais amplos, permitindo que, sobretudo a partir da década de 40 do século XVI, se comesçassem a divulgar, através de obras de natureza diversa, elogios relativos a diferentes dimensões da China, contribuindo para que se fosse construindo uma imagem que tendia a valorizar e, não raras vezes, a exaltar esse império, que surgia aos olhos dos europeus como um extenso e poderoso reino, produtor de valiosíssimas mercadorias, mas também como um território que valorizava a cultura, as ciências, as artes e as letras (Chaudhuri, 1998, pp. 487-511 e 512-533; Oliveira, 2003; Castelo-Branco (coord.), 2014; Gomes & Pina, 2016, pp. 347-364), configurando assim a «primeira idade global» (Romano, 2016). Disso é exemplo o *Tratado De Gloria* (1549) de D. Jerónimo Osório, que, sublinhando sobretudo a dimensão cultural do império da China, se configura como uma obra com um carácter pioneiro, na medida em que é a primeira a publicar, sob a forma impressa, notícias sobre a China:

Portanto, alguns dos nossos que fizeram comércio com eles dizem que não há nenhuma nação comparável à dos Chineses, quer na grandeza das cidades, quer na beleza dos edifícios, quer nos hábitos morais e na cultura civil, quer na brilhante dedicação às artes. Todavia, eles usam, há quase inúmeros séculos objectos de bronze para escreverem livros, os quais não foram usados antes, entre nós. E dizem que se aplicam de tal modo às ciências que não é lícito conceder o poder supremo senão àquele que tiver provado que é cumulado de todo o saber. E nas honras que concedem não atribuem importância nem à nobreza nem à riqueza, mas apenas à ciência. (Osório, 2006, pp. 271-273)

Uma valorização de natureza semelhante encontra-se na *Chronica do felicissimo rey Don Emanuel* de Damião de Góis, onde este nos conta que o rei D. Manuel I perguntava muitas vezes a Fernão Pires de Andrade (o primeiro português que conduziu uma embaixada à China, em 1517) “pelas cousas da China, & das outras províncias daquela regiam, ouuindo as com muito gosto,

porque de seu natural era curioso de saber ho que passava pelo mundo” (Góis, 1619, p. 281). Mas valerá a pena não perder de vista outras obras, como a *Suma Oriental* do boticário Tomé Pires que, sendo a primeira descrição da China produzida por um português, destaca as principais características daquela civilização oriental (Loureiro, 2014, pp. 29-30), o *Tratado da China*, de Galeote Pereira, as *Décadas da Ásia* (nomeadamente a “Terceira Década”) (1563) de João de Barros, ou o *Tratado das Cousas da China* (1569) de Fr. Gaspar da Cruz, que recolheu e sistematizou todas as informações que circulavam em Portugal (Loureiro, 2014, pp. 29-30), que, foram divulgando a seu modo uma visão que tendia a valorizar a China (Loureiro, 1997) e que se poderá considerar amplificada com a edição de outros textos em contexto ibérico, de que são exemplo a *Historia de las Cosas del Gran Reyno de China* de Fr. Juan González de Mendoza (1.^a ed.: Roma, 1585), que constituiu uma espécie de «best-seller» na época, ou a *Historia de las Islas del Archipelago y Reinos de la Gran China*, do franciscano Marcelo de Ribadeneyra. No entanto, a obra *Republicas del Mundo divididas en XXVII libros* de Fr. Jeronimo Román, editada em 1575, ignora a existência dos chineses... Mas a sua edição posterior, que viu a luz do prelo em 1595, contempla já a China, mostrando assim como a construção do conhecimento se configura como um progressivo esforço de organização, divulgação e (res)sistematização dos conhecimentos disponíveis.

Por outro lado, importa não perder de vista que a edição da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, em 1614, constituirá, como uma ampla bibliografia já realçou, um elemento nevrálgico que polarizará a construção e a cristalização do conhecimento europeu sobre o Oriente e, muito particularmente, a China (Faria, 1992; Correia, 1998; Alves, 2010; Couto, 2012; Loureiro, 2014, pp. 35-37; Almeida, 2017), construindo um quadro que se poderá considerar ampliado com as várias traduções que esta obra conheceu, de que são exemplo a *Historia oriental de las peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto* (Madrid, 1620) do Licenciado Francisco de Herrera Maldonado, ou *Les Voyages Adventureux de Fernand Mendez Pinto* (Paris, 1628) de Bernard Figuier.

Mas um olhar panorâmico sobre esta moldura só ficará completo se tivermos em conta o amplo núcleo constituído por obras que se inscrevem no filão da literatura religiosa e de espiritualidade que, enquadradas no contexto da evangelização da China, ao longo dos séculos XVI e XVII, foram equacionando iniciativas e atividades de vária natureza levadas a cabo pela Igreja – não raras vezes, sob a égide da Coroa –, no sentido de aculturação e de “exportação” de

“modelos de vida cristã e de virtude”, emulados como paradigmas comportamentais no contexto da Contrarreforma (Romano, 2014, pp. 243-262). Este veio literário amplifica-se no contexto da Contrarreforma, que, como é sabido, estimulou uma produção maciça de obras de natureza religiosa e de espiritualidade, de função normativa e paradigmática, que se inscrevem na moldura de uma estratégia ofensiva que visava o disciplinamento e modelização dos comportamentos e das práticas devocionais dos fiéis (Fernandes, 2000, pp. 187-193; Santos, 2002, pp. 165-169; Mendes, 2013, pp. 173-214; Mendes, 2017) e que se foi impondo como uma espécie de «literatura alternativa», face ao filão constituído pela literatura de ficção, considerada perigosa, porque “lasciva” ou “desonesta”, sobretudo para mulheres e jovens (Andrade, 1955, pp. 455-457; Bataillon, 1995, pp. 609-698; Osório, 2001, pp. 9-34; Santos, 2012). Neste muito significativo núcleo textual, poderemos respigar a existência de obras que se debruçam sobre a problemática em torno da evangelização da China.

Este filão literário, constituído por textos de tipologia vária, que vão da epistolografia às crónicas religiosas ou das “Vidas” de santos às “Vidas” devotas, divulgam a *gesta* missionária, inscrita em um contexto pautado por rivalidades várias, eivada, muitas vezes, por entraves e dificuldades de vária natureza, quer fosse no Oriente, berço de civilizações milenares, quer fosse no Brasil (Santos, 2008, pp. 151-166), terra “sem fé, nem lei, nem rei” (Vasconcellos, 1672, p. 18), protagonizada, em variadíssimos casos, por religiosos «ilustres em virtude» e falecidos com *fama sanctitatis* – e, não raras vezes, sofrendo o sacrifício do martírio –, cujo alto exemplo modelar funcionou, variadíssimas vezes, como pauta que se prestou a mimetismos vários (Alves, 1989; Barcellona, 1994, pp. 9-18). De resto, estas obras, pese embora o seu pendor propagandístico, indissociável dos tempos pós-Trento, permitem perceber como a história das várias ordens se constrói numa moldura que vai cada vez mais valorizando a importância dos territórios do Oriente como espaços a resgatar para a cristandade, inscrevendo-se em uma dimensão messiânica e providencialista de um império espiritual futuro, concretizando a promessa que Cristo havia feito a D. Afonso Henriques, na véspera da batalha de Ourique.

Deste modo, as obras cuja produção se inscreve no contexto da evangelização e propaganda das várias ordens religiosas contribuirão, em larga medida, para a construção de uma imagem da China – a divulgar sobretudo na Europa –, configurada por matizes e contornos que poderemos considerar ausentes, ou pelo menos mitigados, em obras anteriores. Se pretendêssemos encontrar os

‘leitmotifs’ que estruturam estas obras, estes seriam: o elogio da dimensão cultural da China, ainda que se teçam críticas a determinados aspetos; o fruto que a atividade de evangelização trouxe para os «chinas», pese embora os entraves, dificuldades e perseguições que missionários e convertidos sofreram; a China como palco potencial para a concretização do ideal do martírio, não apenas para os missionários empenhados no processo de evangelização, como também para os nativos convertidos ao cristianismo.

No caso da tentativa de evangelização da China, destacar-se-ão os dominicanos, – como o mostra a *Ethiopia Oriental* de Fr. João dos Santos (Santos, 1609; Santos, 1999) –, os franciscanos e, muito especialmente, os jesuítas. É bem sabido que a Companhia de Jesus se empenhou fortemente, sobretudo a partir de 1540, na evangelização de territórios além-mar, revelando-se, deste modo, em sintonia com as linhas de rumo seguidas por outras ordens religiosas. Neste enquadramento, a chegada de Francisco Xavier e Simão Rodrigues a Portugal, em 1540, reveste-se de um significativo e sintomático significado, na medida em que, colocando-se ao serviço do papa e de D. João III, colocam em marcha um «programa» de missionação imbuído de uma clara dimensão estratégica, pese embora o facto de este ter conhecido ao longo dos tempos sucessos, mas também recuos, entraves e dificuldades de vária natureza: dessa dimensão dão conta as Cartas Anuais enviadas pelos missionários (Castro, 1991, 173-183), que espelham, efetivamente, que a presença de europeus na China, assim como no Japão, sobretudo durante o xogunato Tokugawa, era uma questão eivada de complexidades de vária natureza. Como é sabido, os chineses proibiam a entrada de estrangeiros, com exceção dos embaixadores ou dos prisioneiros e permitiam que os portugueses fossem a Cantão apenas duas vezes por ano (Loureiro, 2000; Araújo, 2000). Por outro lado, este enquadramento conhecerá matizes mais agudizantes na sequência da invasão dos tártaros da Manchúria.

Entre os religiosos da Companhia empenhados na evangelização do Oriente, destaca-se, como é sabido, Francisco Xavier, por antonomásia o ‘Apóstolo das Índias’, que seria canonizado em 1622 e emulado como «paradigma» pela maioria dos missionários jesuítas, graças à difusão da *Historia da vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizeram na India os mais religiosos da Companhia de Jesus* (1600), escrita pelo Padre João Lucena. Com efeito, o seu alto exemplo constituirá uma pauta modelar para vários jovens jesuítas portugueses, como, por exemplo, o Padre Melchior Nunes Barreto, que, de resto, contactou com Francisco Xavier (Matos, 2013, pp. 139-285). De ascendência nobre, Melchior

Nunes Barreto ingressou na Companhia em 1543 e foi o primeiro missionário português a entrar na China, como podemos ler na «Primeira Parte» da *Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal, e do que fizerão nas Conquistas deste Reyno os Religiosos que na mesma Provincia entrarão nos annos em que viveo Santo Ignacio de Loyola nosso Fundador* (1645) de Baltazar Teles (Teles, 1645, p. 546).

Efetivamente, os jesuítas mostrariam um grande interesse pela China desde a morte de Francisco Xavier na ilha de Sanchoão em 1552 (*Brotéria*, 2006; Vicente, 2006, pp. 139-147; Marcocci, 2011). Neste sentido, a China constituiria, pelo início do século XVII, um centro polarizador de atenções e de interesses para a Europa e para a cristandade, configurando uma moldura que poderá ser tanto ou mais sintomática, se não perdermos de vista que o jesuíta Matteo Ricci (1552-1610) tinha conseguido entrar pela primeira vez no celeste império, em 1583, inaugurando um processo de evangelização que despoletaria uma intensa querela em torno dos ritos da China.

Em todo o caso, valerá a pena lembrar que vários autores destacam a figura de São Tomé como primeiro evangelizador da China, tentando inscrever a história religiosa do berço da civilização do Rio Amarelo no quadro do cristianismo primitivo: disso são exemplo a *Asia Extrema* do Padre António de Gouvea (Gouvea, 2001, pp. 17-23) e a *Conquista espiritual do Oriente* de Fr. Paulo da Trindade (Trindade, 1967, pp. 502-505), que se revelam assim em sintonia com o movimento de erudição eclesiástica, para utilizarmos a expressão proposta por Bruno Neveu (Neveu, 1994), que marcou especialmente os territórios de matriz católica ao longo do século XVII e que tendeu a revalorizar a história local, ancorando as suas origens na moldura do cristianismo primitivo.

Mas o Padre António de Gouvea não se imiscui de tecer acintosas críticas à China, as quais serão corroboradas por Fr. Paulo da Trindade:

Com tudo, o que parece mais provavel he que não mereceo a China tanto bem, nem tanta gloria [...]. A Seyta dos pagodes que entrou neste Reyno, ou duzentos annos antes da vinda de Christo, ou sesenta e sinco (como outros dizem) depois: tão celebre, tão afamada, tantos templos, tantas casas do demonio; ainda que por vezes intentarão os chinas extingui-la, nunca se pode acabar de todo sua memoria. Como he crível que allumiando e illustrando S. Thomé com divinos rayos de Fé e grandes milagres este Imperio, totalmente se sepultasse nelle cousa tão grandiosa? (Gouvea, 2001, p. 18)

De molde a escorar o argumento de que a China fora evangelizada por São Tomé, o Padre António de Gouvea afirma que foram encontrados vestígios arqueológicos que comprovam a presença do apóstolo São Tomé na China e no Indústão, de que é exemplo «hũa pedra, quatro palmos de largura, de groçura hum, e de comprimento 9; o remate, em figura pyramidal, hua fermosa Cruz de flor de lis sobre nuvens [...] No pé da Cruz, abertas ao buril, nove letras em china, que tem este sentido: Padram pera louvor e eterna memoria de como a Ley da luz e verdade vinda da Judea foi promulgada na China» (Gouvea, 2001, p. 19), encontrada na província de Xen Sí, em 1625, assim como, na *Ásia Portuguesa* (1674), o seu autor, Manuel de Faria e Sousa, elenca vários testemunhos de natureza arqueológica que comprovam a passagem de São Tomé pela China (Sousa, 1674, pp. 875-879).

Mas se a *Asia Extrema* veicula várias críticas, no que respeita ao esquecimento ou não reconhecimento do cristianismo na China, fá-no também no domínio do conhecimento científico – sobretudo no que diz respeito à Matemática e à Geografia –, sublinhando a existência de profundas lacunas e gizando, deste modo, a construção de uma visão que tende a espelhar a superioridade e a primazia da Companhia de Jesus e que vai de encontro à visão que, por exemplo, D. Jerónimo Osório tinha divulgado através do seu *Tratado De Gloria*. Neste sentido, evoca em uma passagem que o Padre Matteo Riccio recebeu alguns «letrados chineses» que pretendiam ver o mapa «com letras europeas» que os jesuítas tinham:

Sahio mais o Padre com outras curiosidades de espheras, relogio do sol, astrolabios, triangulos e outras semelhantes, tendo tudo muy grande sucesso como novo e raro: porque ainda que os chinas tem suas taboas e mappas, nelles não comprehendem mais que as 15 Provincias e alguns Reynos vesinhos e tributarios, tendo para si que não avia mais mundo; alem de outros mil paradoxos e ainda erros crassos.

Agora que vião o mappa europeo, tam perfeito e apontado, ja corrente em sua lingua e letras, confessavão seus erros e que as Sciencias Europeas tinhão muy superior lugar ás suas, adiantando-se com esta oppenião o conceito e respeito aos Padres, tirando-os do andar dos seus Bonzos. (Gouvea, 2001, p. 54)

Em todo o caso, é bem sabido como a atividade de evangelização levada a cabo pelos missionários da Companhia de Jesus foi pautada pelo sucesso – bastará evocar, como exemplo a “Carta Anua da Vice-Província da China de 1636”, escrita pelo Padre António de Gouvea, onde este declara que «Crescem os christãos em numero e devoção. Vão-se perdendo e diminuindo os assombros e temores dos chinas no ponto da conversão» (Gouvea, 1998, p. 59) –, assim como variadíssimas passagens da segunda parte do *Oriente conquistado a Jesu Christo pelos padres da Companhia de Jesus* (1710) do Padre Francisco de Sousa –, mas também por malogros, resultantes das dificuldades de que se revestia a entrada de estrangeiros na China, das tentativas controladoras dos eunucos e de intolerâncias de vária natureza, que comprometiam a atividade das várias missões, ainda que, muitas vezes, estas beneficiassem de apoio financeiro disponibilizado por figuras da nobreza. A título de exemplo, poderíamos evocar o exemplo de D. Maria Guadalupe de Lencastre, duquesa de Aveiro e de Arcos, que financiou missões jesuítas na China e a quem o Padre Francisco Garcia (S.J.) dedicou a *Vida, y martyrio de el venerable Padre Diego Luis de Sanvitores de la Compañia de Iesus, primer apostol de las islas Marianas y sucessos de estas islas, desde el año de Mil seiscientos y sesenta y ocho, asta el de mil seiscientos y ochenta y uno* (1683), não apenas para manifestar a gratidão dos membros da Companhia de Jesus, mas também «por ser de la vida de el Venerable Padre Diego Luis de Sanvitores, cuyo insaciable zelo se ve muy ali viuo retratado» no desta grande senhora, que “con tantas ansias, exemplo sin exemplo en su sexo, y en su estado, solicita se dilate la Fé en todas las quatro partes de el mundo, embiando Missioneros Apostolicos à la Asia, Africa y America, à expensas de su cuydado, de su fatiga, de sus riquezas; sin olvidarse de la Europa, cultiuando la piedad donde halla nacida la Religion”, sendo “la Missionera de todos los Missioneros, para serlo de todas las Misiones; predicando por la boca de tantos Predicadores, ya que por si no puede predicar mas que con el exemplo” (Garcia, 1683, “Dedicatória”).

Mas se a Companhia de Jesus gizou e investiu em uma estratégia que visava, através do registo escrito, a exaltação do seu papel no contexto da evangelização do Oriente, acentuando a sua preeminência, que só se tornará compreensível à luz do quadro configurado pelas rivalidades várias entre as diferentes ordens religiosas e pela atividade propagandística que estas levaram a cabo ao longo da Contrarreforma, não nos deve causar estranheza o facto de os franciscanos terem investido em uma «ofensiva» de natureza semelhante. Disso são exem-

plo a *Conquista espiritual do Oriente* de Fr. Paulo da Trindade e a «Discriçam do Imperio da China», incluída no *Vergel de Plantas e Flores da Provincia da Madre de Deos* (Lisboa, 1690) de Fr. Jacinto de Deus. Ainda que ambos dediquem alguns capítulos das suas obras à descrição do império da China, elogiando a sua antiguidade, letras, língua, cidades (sobretudo Cantão), edifícios, indústria, navegação, o seu discurso será travejado por uma tónica orientativa que tem como objetivo demonstrar a preeminência dos frades menores na moldura da evangelização da China – nas palavras de Fr. Jacinto de Deus, “foram os primeiros que plantaram a arvore da Cruz nas Indias occidentaes, e contra as trevas de idolatria acenderam a luz do Evangelho”. Neste sentido, torna-se compreensível que tenham rasgados elogios aos missionários franciscanos envolvidos no processo de evangelização, como, por exemplo, Fr. Pedro de Alfaro e os seus três companheiros.

Mas neste enquadramento, haverá ainda que valorizar os exemplos declinados pela biografia devota. Disso é exemplo a *Historia de una gran señora christiana de la China llamada Candida Hiu* (1691), escrita pelo jesuíta Felipe Cuplet, que se inscreve na moldura da exportação de modelos devotos de vida cristã e de virtude europeus e católicos para o Oriente, emulados como paradigmas comportamentais no contexto da Contrarreforma. E, desse ponto de vista, parece espelhar que, pesem embora os malogros vários, a Companhia de Jesus conheceu também casos de sucesso no domínio da evangelização. Um desses casos é declinado nesta «Vida» de Candida Hiù, escrita pelo Padre Felipe Cuplet, um jesuíta belga que desenvolveu uma intensa atividade missionária na China. O retrato de Candida Hiù, sobretudo no que respeita à sua faceta moral e devota, não se afasta, nos seus contornos imediatos, dos modelos femininos divulgados pela hagiografia e pela biografia devota durante a Contrarreforma, na medida em que declina várias tendências que marcaram o quadro da santidade dos tempos pós-Trento: nesse sentido, reflete o crescente peso dos modelos de santidade corporizados por matronas viúvas, traduzindo a importância dos paradigmas culturais legados pela tradição patrística e, em particular, pelos textos de São Jerónimo (Fernandes, 1995, pp. 101-142) e também por exemplos reais, como o de Santa Paula Romana, e até mesmo outros mais recentes, como o de Santa Francesca Romana. Deste modo, é configurada pelos tópicos gerais que ditaram a valorização da “santidade” dos “ilustres varões” daqueles tempos, como o poderá mostrar o elogio da sua nobreza de nascimento – era neta de um ‘Colao’, que era o primeiro ministro de Estado – a exaltação das

suas virtudes, o seu zelo da salvação das almas. Filha de uma senhora convertida ao cristianismo, casou, aos dezanove anos, com um cavaleiro rico e poderoso, chamado Hiù, que não era cristão. Deste matrimónio nascerão seis filhos; Candida ficará viúva aos trinta anos. A posterior morte do avô, conjugada com o seu estado de viúva e a sua grande proximidade aos jesuítas, permitirão que esta senhora, não descurando o seu papel de mãe de família, se dedique, mais largamente, à prática das virtudes, nomeadamente da caridade e do amor aos pobres, mas também à catequização, de modo que o biógrafo afirma que “esta piadosa viuda” foi uma “Apostola de la China, y como outra Santa Tecla” (Cuplet, 1691, p. 42). Como nos conta o biógrafo, “distribuía Doña Candida libros por todas las Iglesias, presentandolos à las señoras [...] Repartialos à quantos podia, por medio de las mugeres catequistas” (Cuplet, 1691, p. 44).

O autor não deixa também de valorizar a forte devoção que esta senhora nutria por São Francisco Xavier, que se traduziu na feitura de “Ornamentos, y obras, para que se ofreciessen en su nombre al sepulcro de San Francisco Xavier, para que este Santo, que murió à las puertas de la China, despues de aver sido Apostol de las Indias, y del Japon, inspire à tots las personas, que le reverencian, le mismo zelo com que [Candida] ardia de la conversion de las almas” (Cuplet, 1691, p. 138). Por outro lado, a crermos nas palavras do biógrafo, a exportação de modelos de vida cristã “perfeita” de matriz europeia para o Oriente terá conhecido uma significativa receção, como o parece comprovar a seguinte passagem:

Aviendo sabido, que en algunos lugares de europa los Padres juntan todas las noches à sus hijos y a sus domesticos y despues de la oracion, que hazen todos juntos, les dèn su bendicion, halló esta practica tan llena de piedad, que la introduxo en su casa. [...] Hazia ella misma el oficio de Dogico en su familia, instruyendo à todas sus criadas, y doncellas de Camara, leyendoles de quando en quando las vidas de los Santos, y otros libros espirituales. (Cuplet, 1691, p. 124)

Sintomaticamente, podemos respigar também nesta obra o lastro que a cultura visual vai assumindo na moldura cultural e religiosa do século XVII: assim, conta-nos o Padre Felipe Cuplet que “no es ponderable, quanto aprecian los Chinas las pinturas de Europa. Cautivalos su mucha viveza, y lo bizarro de sus colores. Las de los santos suelen mover à los Fieles á fabricar Oratorios, y

Templos” (Cuplet, 1691, p. 168), refletindo, deste modo, a tendência que, na linha das diretrizes tridentinas, vinha conhecendo a revalorização do culto das imagens, que, como é sabido, apelavam à sensibilidade e afetos dos fiéis (Niccoli, 2011).

A intolerância por parte das autoridades locais, as dificuldades, os entraves, as complexidades que revestem o quadro em que se inscreve a evangelização – ou, pelo menos, as tentativas de evangelização – da China contribuem para a construção de uma imagem do Império Celeste pautada por moldes diversos daquela que tinha sido veiculada em muitas obras produzidas, sobretudo, ao longo do séc. XVI. Tendo em conta este enquadramento, não nos deve causar estranheza que a China tenha fascinado jovens portugueses e europeus cativados pelo heroísmo que marcou aqueles tempos e que almejavam tornar-se missionários além-mar, na medida em aquele território asiático surgia perante os seus olhos como um palco propício para a concretização do martírio (Gregory, 1999; Urbano, 2004). Assim o testemunha o alto exemplo de Fr. Francisco Fernandez de Capillas, um religioso dominicano martirizado em Fuan, em 1648, no contexto da invasão dos Tártaros da Manchúria. A sua atividade evangelizadora é narrada na *Vida del Veneravel Padre Fr. Francisco Fernandez Capillas, Proto-Martir de la China* (Valladolid, 1787), de Fr. Fernando Calva. Fr. Francisco Fernandez Capillas seria beatificado por Pio X em Maio de 1909 e canonizado por João Paulo II em 2000.

Mas também o *Agiologio Lusitano*, esse monumental catálogo dos “santos de Portugal e suas conquistas”, cujos três primeiros volumes, editados em 1652, 1657 e 1666, são da responsabilidade de Jorge Cardoso, gizando uma estratégia que passava, em larga medida, pela valorização da estreita complementaridade entre história religiosa e história política, numa moldura de glorificação da pátria e de construção de uma “santidade territorial” (Fernandes, 1996, pp. 25-68), inclui breves notícias biográficas sobre missionários portugueses martirizados na China, mostrando um registo discursivo que contribui, em larga medida, para a coagulação de uma imagem da China pincelada com alguns traços um pouco negros, no que respeita à intolerância religiosa. Evoquemos, a título de exemplo, o caso do irmão Francisco Martins, da Companhia de Jesus, martirizado em Cantão em 1606. Conta-nos Jorge Cardoso que

vindo pois este irmão das Residencias espalhadas pelo certão, com chapas dos Mandarins de Nanquim para franquear a passagem ao Padre Visitador

Alexandre Valignano: chegou àquella cidade a tempo, que andaua toda reuolta, & posta em armas, por dizerem que os Padres machinauão sua destruição (traça do demonio que presentia já o damno, que de sua pregação lhe poderia seguir) foi logo leuado diante do Mandarim Maior; & por mais que o irmão se justificou, o não quis ouuir, antes o mandou por a questão de tormento, mettendolhe agudas canas por entre vnhas de pés, & mãos, & depois açoutar com bambús (martirio exasperado) & vendo que não confessaua nada do que se dizia, o remeteo ao Menor, que o examinou com o mesmo rigor, dizendo-lhe que era espia, & que vinha comprar armas para os conquistarem estrangeiros. A estas perguntas respondeo o bom irmão, como tudo aquillo erão falsidades, & calumnias, que os inimigos da Cõpanhia leuantauão a seus religiosos, pelos malquistarem com eles [...]. Sem embargo disso, o mandarão segunda vez açoutar com a própria fereza, & crueldade, de que ficou tal, que no carcere ao quinto dia, se soltou sua alma das prizões da carne. (Cardoso, 1657, pp. 432-433)

Por tudo isto, parece-nos que valerá a pena tecer algumas breves reflexões. Se as obras evocadas, produzidas no século XVI, vinham difundindo um discurso que tendia a elogiar sobretudo a dimensão cultural da China, os textos redigidos no séc. XVII, muito particularmente aqueles que têm como autores missionários empenhados na evangelização do Oriente e que se revestem de claros propósitos propagandísticos, vão coagulando uma imagem da China enformada por outros matizes. Deste modo, os textos em questão equacionam aspetos como o fruto que a atividade de evangelização trouxe para os chineses, pesem embora os entraves, dificuldades e perseguições que missionários e convertidos sofreram, assim como “promovem” uma imagem da China como um palco potencial para a concretização do ideal do martírio, não apenas para os missionários empenhados no processo de evangelização, como também para os nativos convertidos ao cristianismo. Os argumentos evocados poderão funcionar assim como uma espécie de justificação “simbólica” do revés no Celeste Império e, apesar de altos exemplos de virtude corporizados por senhoras cristãs, como Candida Hiu, que parecem espelhar o acolhimento e o relativo sucesso que a fé cristã e os modelos de vida cristã e perfeita em moldes europeus conheceram, graças sobretudo ao empenhamento de jesuítas, a evangelização da China poder-se-á considerar-se uma “cruzada” perdida.

Bibliografia

- Almeida, I. (Org.) (2017). *Peregrinação 1614*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Centro de Estudos Clássicos.
- Alves, J. S. (Ed.) (1989). *Notícias de Missionaçã o e Martírio na Índia e Insulíndia*. Lisboa: Publicações Alfa.
- Alves, J. S. (Dir.) (2010). *Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação: studies, restored portuguese text, notes and indexes*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 4 vols.
- Andrade, M. F. de O. (1955). Reacção quinhentista da Filosofia Moral contra os Romanes de Cavalaria. *Revista Portuguesa de Filosofia. Actas do I Congresso Nacional de Filosofia*, tomo XI, vol. II, fascs. 3-4, pp. 455-457.
- Araújo, H. P. de (2000). *Os Jesuítas no Império da China: o primeiro século (1582-1680)*. Macau: IPOR.
- Bataillon, M. (1995). *Erasmus y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI* (trad. de Antonio Alatorre). México: Fondo de Cultura Económica.
- Barcellona, F. S. (1994). Dal Modello ai modelli. In G. Barone, M. Caffiero, F. S. Barcellona (a cura di), *Modelli di santità e modelli di comportamento. Contrasti, intersezioni, complementarità*. Torino: Rosenberg & Sellier, pp. 9-18.
- Brotéria (Número especial dedicado a São Francisco Xavier)*, 2006.
- Calva, Fr. F. (1787). *Vida del Veneravel Padre Fr. Francisco Fernandez Capillas, Proto-Martir de la China*. Valladolid: Imprenta de la viuda e hijos de Santander.
- Cardoso, J. (1657). *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres [...] Tomo II*. Lisboa: por Henrique Valente de Oliveira. Reeditado por Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto: FLUP, 2002.
- Castelo-Branco, M. (Coord.) (2014). *Portugal-China: 500 Anos*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- Castro, A. P. de (1991). As cartas dos jesuítas do Japão: documentos de um encontro de culturas. Separata de *Actas do Congresso Internacional Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*. Coimbra: Faculdade de Letras, pp. 173-183.
- Chaudhuri, K. (1998). O Impacte da Expansão Portuguesa no Oriente. In F. Bethencourt & K. Chaudhuri (Dir.), *História da Expansão Portuguesa, Vol. I: A Formação do Império (1415-1570)*. Temas e Debates, pp. 487-511.
- Chaudhuri, K. (1998). A recepção europeia da Expansão. In F. Bethencourt & K. Chaudhuri (Dir.), *História da Expansão Portuguesa, Vol. I: A Formação do Império (1415-1570)*. Temas e Debates, pp. 512-533.
- Correia, J. D. P. (1998). O Descobrimento da China: estratégias discursivas da descrição na obra de Fernão Mendes Pinto. Separata dos *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian – Homenagem a Maria de Lourdes Belchior*, vol. XXXVII. Lisboa/Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Couto, P. R. E. do (2012). *The Marvellous Travels of Fernando Mendez Pinto across the Low Lands: Translation, Appropriation and Reception* (Tese de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Cruz, Fr. G. da (1569). *Tractado em que se cõtam muito por estenso as cousas da China [...]*. Évora: André de Burgos.

- Cuplet, P.º F. (1691). *Historia de una gran señora christiana de la China llamada Candida Hiu*. Madrid: Imprenta de Antonio Roman.
- Deus, Fr. J de (1690). *Vergel de Plantas e Flores da Provincia da Madre de Deos*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes.
- Faria, F. L. (1992). *As muitas edições da «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- Fernandes, M. L. C. (1995). *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica. 1450-1700*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa/ Faculdade de Letras do Porto.
- Fernandes, M. L. C. (1996). História, santidade e identidade. O *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso e o seu contexto. *Via Spiritus*, 3, 25-68.
- Fernandes, M. L. C. (2000). Espiritualidade (Época Moderna). In C. M. de Azevedo (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 187-193.
- García, P.º F. (1683). *Vida, y martyrio de el venerable Padre Diego Luis de Sanvitores de la Compañia de Jesus, primer apostol de las islas Marianas y sucessos de estas islas, desde el año de Mil seiscientos y sesenta y ocho, asta el de mil seiscientos y ochenta y uno*. Madrid: por Iuan Garcia Infanzon.
- Góis, D. de (1619). *Chronica do Felicissimo Rey Dom Emanuel da gloriosa memoria*. Lisboa: Antonio Alvarez.
- Gomes, C. C., & Pina, I. M. (2016). Dos mares da China ao porto de Lisboa. Narrativas portuguesas da China de D. Jerónimo Osório a Tomás Pereira. *Academia de Mariinha. Memórias 2015*, vol. XLV, 347-364.
- Gouvea, A. (1998). *Cartas Ânua da China* (edição, introdução e notas de Horácio P. Araújo). Lisboa: Instituto Português do Oriente/Biblioteca Nacional de Portugal.
- Gouvea, A. (2001). *Ásia Extrema. Primeira Parte* (Livros II a VI) (edição, introdução e notas de Horácio P. Araújo). Lisboa: Fundação Oriente.
- Gregory, B. S. (1999). *Salvation at stake. Christian Martyrdom in Early Modern Europe*. Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press.
- Lestringant, F. (1991). *L'atelier du cosmographe ou l'image du monde à la Renaissance*. Paris: Albin Michel.
- Loureiro, R. M. (1997). Introdução. Notícias da China na literatura ibérica (séculos XVI e XVII). *Revista de Cultura. Visões da China na literatura ibérica dos séculos XVI e XVII. Antologia documental*, n.º 31 (II série) (Abril-Junho 1997), pp. 11-16.
- Loureiro, R. M. (2000). *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e China no século XVI*. Lisboa: Fundação Oriente.
- Loureiro, R. M. (2014). A primeira descrição da China: o manuscrito da *Suma Oriental* de Tomé Pires. In M. Castelo-Branco (Coord.), *Portugal-China: 500 Anos*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, pp. 29-30.
- Loureiro, R. M. (2014). O grande retrato do mundo oriental: a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. In M. Castelo-Branco (coord.), *Portugal-China: 500 Anos* (pp. 35-37). Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- Lucena, P.º J. (1600). *Historia da vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizeram na India os mais religiosos da Companhia de Jesus*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

- Marcocci, G. (2011). *L'invenzione di un impero. Politica e cultura nel mondo portoghese (1450-1600)*. Roma: Carocci.
- Matos, M. C. (2013). Contributo para o estudo da vida e da obra do Pe. Melchior Nunes Barreto, S. J. In *Obras Completas de Manuel Cadafaz de Matos. Série III: Estudos de História da Expansão (nos séculos XVI, XVII e XVIII)*. Vol. VI: *Portugaliae Monumenta Sinica. Da missão portuguesa da China, ao longo da Idade Moderna (Estudos Sinológicos II)* (pp. 139-205). Lisboa: Centro de Estudos de História do Livro e da Edição/Edições Távola Redonda.
- Matos, M. C. (2013). Pe. Melchior Nunes Barreto (c. 1520-1571), o primeiro missionário activo em Cantão: diáspora, aventura e fé entre Lampacau, Kyushu e Macao (breves reflexões sobre a Filosofia da Natureza na China do séc. XVI). In *Obras Completas de Manuel Cadafaz de Matos. Série III: Estudos de História da Expansão (nos séculos XVI, XVII e XVIII)*. Vol. VI: *Portugaliae Monumenta Sinica. Da missão portuguesa da China, ao longo da Idade Moderna (Estudos Sinológicos II)* (pp. 207-285). Lisboa: Centro de Estudos de História do Livro e da Edição/Edições Távola Redonda.
- Mattoso, J. (1998). Antecedentes medievais da Expansão Portuguesa. In F. Bethencourt & K. Chaudhuri (Dir.), *História da Expansão Portuguesa, Vol. I: A Formação do Império (1415-1570)* (pp. 12-25). Lisboa: Temas e Debates.
- Mendes, P. A. (2013). “Vidas”, “Histórias”, “Crónicas”, “Tratados”. Sobre a escrita e a edição de hagiografias e de biografias devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII). *Lusitania Sacra*, 2.^a série, tomo XXVIII (Julho-Dezembro 2013), 173-214.
- Mendes, P. A. (2017). *Paradigmas de Papel: a edição de «Vidas» de santos e de «Vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM.
- Neveu, B. (1994). *Erudition et religion aux XVIIe et XVIIIe siècles*. Paris: Albin-Michel.
- Niccoli, O. (2011). *Vedere com gli occhi del cuore. Alle origini del potere delle imagine*. Roma: Laterza.
- Oliveira, F. M. de P. N. R. de (2003). *A construção do conhecimento europeu sobre a China (c. 1530 – c. 1630). Impressos e manuscritos que revelaram o mundo chinês à Europa culta* (Tese de Doutoramento). Departamento de Geografia da Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona.
- Osório, J. (2006). *Tratado De Gloria* (Ed. de João Nunes Torráo). Lisboa: Colibri.
- Osório, J. A. (2001). Um «género» menosprezado: a narrativa de cavalaria do séc. XVI. *Máthesis*, 10, 9-34.
- Pinto, F. M. (1614). *Peregrinação*. Lisboa: Pedro Craesbeeck.
- Revista de Cultura. Visões da China na literatura ibérica dos séculos XVI e XVII. Antologia documental*, n.º 31 (II série) (Abril-Junho 1997).
- Roman, Fr. J. (1575). *Republicas del Mundo divididas en XXVII libros*. Medina del Campo: Francisco del Canto.
- Roman, Fr. J. (1595). *Republicas del Mundo divididas en tres partes. Tercera Parte*. Salamanca: Iuan Fernandez.
- Romano, A. (2014). (D)escribir la China en la experiencia misionera de la segunda mitad del siglo XVI: el laboratorio ibérico. *Cuadernos de Historia Moderna*, Anejo XIII, 243-262.

- Romano, A. (2016). *Impressões de China. L'Europe et l'englobement du monde (XVI^e-XVII^e siècle)*. Paris: Fayard.
- Santos, Fr. J. dos (1609). *Ethiopia Oriental e Varia Historia de cousas notaveis do Oriente*. Évora: Manuel de Lira.
- Santos, Fr. J. dos (1999). *Etiópia oriental e vária histtória de cousas notáveis do Oriente* (int. de Manuel Lobato). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- Santos, Z. C. (2002). Hagiografia. A prosa religiosa e mística nos séculos XVII-XVIII. In *História da Literatura Portuguesa*, volume 3: *Da Época Barroca ao Pré-Romantismo* (pp. 165-169). Lisboa: Alfa.
- Santos, Z. C. (2008). A literatura “hagiográfica” no Brasil do tempo do P.^o António Vieira: da *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo* (1663) às biografias devotas de Simão de Vasconcellos. *Românica*, 17, 151-166.
- Santos, Z. C. (2012). Sobre livros de cavalaria, leituras e leitores nos séculos XVI e XVII. In L. M. Mongelli (Org.), *De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas*. Humanitas. Disponível em <editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/669-677.pdf>.
- Sousa, P.^o F. de (1710). *Oriente conquistado a Jesu Christo pelos padres da Companhia de Jesus* (2 vols.). Lisboa: na Officina de Valentim da Costa Deslandes.
- Sousa, M. de F. e (1674). *Asia Portuguesa*. Tomo II. Lisboa: Officina de Antonio Craesbeeck.
- Teles, P.^o B. (1645). *Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal, e do que fizerão nas Conquistas deste Reyno os Religiosos que na mesma Provincia entrarão nos annos em que viveo Santo Ignacio de Loyola nosso Fundador. I Parte*. Lisboa: Paulo Craesbeeck.
- Trindade, P.^o Fr. P. da (1967). *Conquista Espiritual do Oriente. III Parte* (introdução e notas de Fr. Félix Lopes, O.F.M.). Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.
- Urbano, C. M. (2004). *Santos e Heróis. A épica hagiográfica novilatina e o poema Paciecidos (1640) de Bartolomeu Pereira SJ* (Tese de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Vasconcellos, P.^o S. (1672). *Vida do veneravel Padre Jozé de Anchieta da Companhia de Jesus, thaumaturgo do Novo Mundo*. Lisboa: João da Costa.
- Vicente, F. L. (2006). Canonização e exposições do corpo de S. Francisco Xavier em Goa». In *Catálogo da Exposição São Francisco Xavier – A sua vida e o seu tempo (1506-1552)* (pp. 139-147). Lisboa: Comissão para as Comemorações do V Centenário do Nascimento de S. Francisco Xavier.